

USO DE HORMÔNIOS ENTRE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS EM UMA CAPITAL DO NORDESTE BRASILEIRO

Weinar Maria de Araújo¹, Iracema de Jesus Almeida Alves Jacques², Isabô Ângelo Beserra Ramalho³, Louisiana Regadas de Macedo Quinino⁴, Naíde Teodósio Valois Santos⁵, Ana Maria de Brito⁶

RESUMO: Introdução: o almejo pelo corpo ideal, condizente com a sua identificação de gênero, induz as travestis e mulheres transexuais, recorrerem a procedimentos de transformação corporal, como o uso de hormônio. Porém em algumas situações, esses procedimentos são realizados sem prescrição e orientação de profissionais da saúde. Objetivo: estimar a prevalência do uso contínuo de hormônios e seus fatores associados entre travestis e mulheres transexuais em uma capital do Nordeste brasileiro. Método: estudo de corte-seccional e abordagem quantitativa, utilizou-se o método de recrutamento *Respondent-Driven Sampling* (RDS), no período de janeiro a março de 2017. Foram selecionadas travestis e mulheres transexuais com idade igual ou superior a 18 anos. Para coleta de dados foi aplicado questionário sociocomportamental. Análise dos dados foi realizada utilizando software *Stata*. Resultados: entre as 350 participantes incluídas no estudo, a maior parte (92,8%) usou hormônio alguma vez na vida e (51,4%) continua usando. A maioria referiu se considerar travesti (46,2%), com idade entre 18 e 24 (47,7%), de cor parda (56,3%) e baixa escolaridade (53,2%). O uso associado de estrogênio e progesterona (92,8%) foi majoritário, por via injetável (95,2%), adquirido (100%) diretamente nas farmácias, sem receituário médico e sem orientação (43,4%). A satisfação com o uso dos hormônios foi alta (80,3%), assim como os efeitos indesejados sentidos com o uso de hormônios (52,1%). O uso de hormônio esteve associado (p -valor $\leq 0,05$) a ser travesti; com faixa etária mais jovem (18 a 24 anos); ser solteira; ter menos de 8 anos de estudo; ter referido algum efeito indesejado devido ao uso do hormônio; já ter pensado em suicídio e ter sofrido violência sexual. Conclusão: a construção da identidade de gênero leva esta população a um estreitamento com o uso contínuo de hormônio, entretanto, seus riscos intrínsecos tornam-se um problema para a saúde pública.

Palavras-chave: Hormônios, Travestis, Amostragem.

Área Temática Saúde Pública

¹Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

²Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

³Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

⁴Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

⁵Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

⁶Departamento de Saúde Coletiva do Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (NESC/IAM/Fiocruz), Recife, Pernambuco, Brasil.

ABSTRACT: Introduction: the desire for the ideal body, consistent with their gender identification, induces transvestites and transsexual women to resort to body transformation procedures, such as the use of hormones. However, in some situations, these procedures are performed without prescription and guidance from health professionals. Objective: to estimate the prevalence of continuous use of hormones and its associated factors among transvestites and transsexual women in a capital in the Brazilian Northeast. Method: cross-sectional study and quantitative approach, the Respondent-Driven Sampling (RDS) recruitment method was used from January to March 2017. Transvestites and transgender women aged 18 years or older were selected. For data collection, a socio-behavioral questionnaire was applied. Data analysis was performed using Stata software. Results: among the 350 participants included in the study, most (92.8%) used hormones at least once in their lives and (51.4%) continue to use them. Most reported considering themselves transvestite (46.2%), aged between 18 and 24 (47.7%), brown (56.3%) and low education (53.2%). The associated use of estrogen and progesterone (92.8%) was the majority, via injection (95.2%), purchased (100%) directly from pharmacies, without a medical prescription and without guidance (43.4%). Satisfaction with the use of hormones was high (80.3%), as well as the unwanted effects felt with the use of hormones (52.1%). Hormone use was associated (p -value ≤ 0.05) with being a transvestite; with a younger age group (18 to 24 years old); being single; have less than 8 years of study; having reported some unwanted effect due to the use of the hormone; having already thought about suicide and having suffered sexual violence. Conclusion: the construction of gender identity leads this population to a narrowing with the continuous use of hormone, however, its intrinsic risks become a problem for public health.

Keywords: Hormones, Transvestites, Sampling.

INTRODUÇÃO

Entre as travestis e mulheres transexuais o almejo pelo corpo ideal, ou seja, condizente com a sua identificação de gênero, induz essas populações a recorrerem a diversos procedimentos de transformação corporal, a fim de que as características femininas se manifestem em seus corpos (KRÜGER *et al.*, 2019). Na intenção de estarem dentro desses padrões heteronormativos, essa população se submete a mudanças corporais arriscadas, assim como o uso de silicone industrial, cirurgias estéticas para remodelação corporal, além de próteses de silicone e sobretudo, uso de hormônios (PINTO *et al.*, 2017). Contudo, algumas dessas mudanças corporais podem ocorrer de forma irregular, sem orientação e acompanhamento profissional, a exemplo do uso de hormônios femininos (BRASIL, 2015; ROCON *et al.*, 2016).

Dentre os efeitos adversos do uso contínuo de hormônios, destaca-se a ocorrência de doenças coronarianas, acidente vascular cerebral e fenômenos tromboembólicos (MASCHIÃO *et al.*, 2017). Dentre os hormônios comercializados, o estrogênio é um dos mais utilizados pelas mulheres transexuais e seus efeitos

implicam em trombose de veias profundas, aumento da pressão arterial, alterações hepáticas e problemas ósseos (PETRY 2015). A associação com outros hormônios, a exemplo da progesterona, pode resultar em aumento da pressão arterial e infarto agudo do miocárdio (ALMEIDA; ASSIS, 2017). Contudo, os efeitos adversos da automedicação hormonal, não é fator de impedimento para o uso frequente (ANDRADE, 2017).

Além desse fator, a problemática do uso contínuo de hormônios pode ser entendida pelos diferentes aspectos da vulnerabilidade, seja por questões individuais, sociais e/ou programáticas dos sujeitos (AYRES *et al.*, 2003). Entre as vulnerabilidades individuais destaca-se a motivação para o uso contínuo de hormônios, idades mais jovens de início da transição corporal e vida sexual, no tocante de como elas se comportam em relação ao uso de preservativos e quantidade de parceiros (CARRARA *et al.*, 2019). No âmbito social, a cultura da auto medicalização no país (ARRAIS *et al.*, 2016), baixa condição de renda e escolaridade. Por fim, em relação a vulnerabilidade programática, a dificuldade ao acesso a serviços de saúde e de profissionais qualificados (KRÜGER *et al.*, 2019).

Nesse sentido, torna-se fundamental a realização de estudos sobre prevalência e fatores associados ao uso contínuo de hormônios entre travestis e mulheres transexuais no intuito de fornecer informações para a construção de estratégias e de políticas públicas direcionadas a essa população considerada “oculta” e/ou difícil acesso.

METODOLOGIA

Estudo de corte-seccional e abordagem quantitativa, realizado na cidade do Recife/Pernambuco entre o período de janeiro a março de 2017. Foram selecionadas travestis e mulheres transexuais com idade igual ou superior a 18 anos, que fossem designadas ao nascimento como do sexo masculino e com identificação de gênero feminino.

Utilizou-se a metodologia de recrutamento e amostragem *Respondent-Driven Sampling* (RDS), utilizada para recrutar, por meio da sua própria rede de relacionamentos, populações de difícil acesso e/ou “ocultas”. Este método possui um modelo matemático capaz de analisar o processo de recrutamento e ponderar a amostra para compensar os padrões não aleatórios (SALGANIK; HECKATHORN, 2004). A

amostra foi calculada inicialmente utilizando os parâmetros da prevalência de pessoas vivendo com HIV na população de travestis (35%) (DE ANDRADE *et al.*, 2007), erro amostral de 5% e efeito de desenho de 4, chegando-se a um tamanho mínimo de 364 travestis. Porém, posteriormente decidiu-se seguir a amostra sugerida no edital do Ministério da Saúde, chegou a um parâmetro de 350 participantes para o município de Recife.

Para coleta de dados, no primeiro momento, as participantes eram acolhidas e respondiam perguntas relacionados a checagem dos critérios de inclusão. Aquelas que atendiam esses critérios, eram convidadas a participar, esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa, ler e assinar o TCLE. Após essa etapa, era aplicado um questionário estruturado sobre informações sociodemográficas; conhecimento e testagem sobre ISTs e acesso a preservativos; assistência a saúde; discriminação, violência e violação de direitos humanos; comportamento sexual; álcool e outras drogas; modificações corporais; saúde mental; envolvimento com o sistema de justiça criminal; apoio social, resiliência e orgulho transsexual.

A variável dependente investigada foi “uso contínuo de hormônio”, ou seja, aquelas que usaram e que continuavam usando o hormônio, que foi associada às variáveis de exposição, conforme identificado na literatura, e distribuídas nas dimensões analíticas da vulnerabilidade individual, social e programática propostas por Ayres (AYRES *et al.*, 2003).

As prevalências foram calculadas pelo estimador RDS-II e utilizaram-se intervalos de confiança de 95%. Inicialmente foram realizadas frequências absolutas e relativas de acordo com o desfecho: uso contínuo de hormônio, por meio da pergunta: “você toma ou já tomou hormônios?”, utilizando o teste Qui-quadrado de Pearson. Para as variáveis que tiveram valores menores que cinco, foi utilizado o Teste de Fisher. As análises foram realizadas com o auxílio do software Stata® versão 12.0 (Stata Corp, College Station, Texas, EUA) e o “Statistical Package for the Social Sciences” (SPSS), versão 20.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP, com o CAAE: 49359415.9.0000.5240 e parecer de número 1.349.633. Para utilização dos dados coletados em Recife, foi necessária a autorização prévia desta instituição gestoras e responsável pela guarda das informações.

RESULTADOS

Do total de pessoas investigadas no estudo (n=350), a maioria 325 (92,8%) usou hormônio alguma vez na vida. Entre aquelas que usaram hormônio, 167 (51,4%) usou e continua usando, 141 (43,4%) usaram e não continuam usando e 17 (5,2%) não conseguiram responder. No que diz respeito às características sociodemográficas, 150 (46,2%) referiram considerar-se como travesti, 107 (32,9%) como mulher transexual ou transexual e 68 (20,9%) declararam ser mulher.

Das participantes que referiram fazer uso de hormônio (n=325), a faixa etária predominante foi de 18 a 24 anos de idade 155 (47,7%) e a idade de início da transição de gênero foi maior entre aquelas com 16 a 20 anos de idade 153 (47,1%). A maioria era da raça parda 183 (56,3%), solteira, separada, divorciada ou viúva 240 (73,8%). Em relação a escolaridade, 173 (53,2%) relataram mais de oito anos de estudo.

No uso contínuo do hormônio, ou seja, usou e continuou usando (n=167), o maior uso foi referido entre as travestis 66 (39,5%), nas mais jovens 92 (55,1%) com idade entre 18 a 24 anos, solteiras 115 (68,9%), 82 (49,1%) se identificou com o gênero atual dos 13 aos 18 anos de idade e 80 (47,9%) relatou ter iniciado a transição de gênero dos 16 aos 20 anos de idade.

Das participantes que referiram o uso contínuo de hormônio (n=167), aproximadamente metade 71 (42,5%) iniciou o uso com menos de 17 anos de idade. O uso associado dos hormônios estrogênio e progesterona, foi referido majoritariamente por 155 (92,8%) das participantes. A via de administração mais utilizada foi a injetável 159 (95,2%) e cerca da metade das participantes 69 (41,3%) realizou a aplicação em si mesma.

Todas aquelas que fizeram o uso contínuo do hormônio 167 (100%), compraram a medicação diretamente nas farmácias sem receituário médico, com amigos, colegas trabalho, bombadeiras e/ou com outras transexuais. Do total de participantes que receberam orientação para uso do hormônio (n=53), quase metade (n=23; 43,4%) não recebeu orientação de um profissional de saúde.

No que se refere a satisfação com o resultado após a administração contínua do hormônio, a maioria 134 (80,3%) referiu estado satisfeita. Entretanto, mais da metade 87 (52,1%), relataram a ocorrência de algum efeito indesejado.

Sobre assistência à saúde das participantes que fizeram uso contínuo do hormônio, procurar atendimento em unidades do SUS e usar hormônio (n=158) foi

referido por 152 (96,2%) das participantes. Ter cadastro em Unidade Básica de Saúde (UBS) também foi referido por uma grande parcela das entrevistadas (n=131; 78,9%), enquanto que um percentual inferior (n=112; 69,1%) mencionado ter realizado a última consulta médica nos últimos 12 meses.

Do total das participantes que faziam uso contínuo de hormônios (n=167), a maioria 152 (91%) sentiu-se discriminadas por serem travesti ou mulher transexual. Entretanto, grande parte delas relatou ter apoio familiar 77 (46,1%) e o sentimento de pertencimento, apoio social, resiliência e orgulho, também foi comum entre a maioria 140 (83,8%). Cerca da metade das participantes 64 (38,3%) referiu ter pensado em se matar alguma vez na vida. Grande parcela da população do estudo declarou ter sofrido violência física 154 (92,2%) e sexual 140 (83,8%) alguma vez na vida.

Foi observado associação entre uso contínuo de hormônio e ser travesti (p-valor:0,02); com faixa etária mais jovem (18 a 24 anos) (p-valor:≤0,00); ser solteira (p-valor:0,04); ter menos de 8 anos de estudo (p-valor: 0,04); entre aquelas que referiram algum efeito indesejado devido ao uso do hormônio (p-valor: 0,04); já ter pensado em suicídio (p-valor: 0,05) e ter sofrido violência sexual (p-valor: 0,04).

DISCUSSÃO

Quase a totalidade das participantes já fez uso de hormônio alguma vez na vida. Estudos sobre esta população evidenciam um aumento do uso de hormônio, e este sendo a primeira escolha para as travestis e mulheres transexuais na transformação corporal (AMARAL *et al.*, 2017; KRÜGER *et al.*, 2019).

O perfil das participantes que fez uso contínuo de hormônio foi predominantemente de travestis, adultas jovens, solteiras, com até oito anos de estudo, corroborando com estudo realizado no Distrito Federal (KRÜGER *et al.*, 2019) e no Rio de Janeiro (CARRARA *et al.*, 2019). Fatores socioeconômicos como escolaridade, têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação hormonal, tornando-se um grave problema de saúde pública por considerar as complicações a saúde que está relacionada (ARÁN; MURTA, 2009).

O início do uso de hormônios antes dos 17 anos foi referido como uma característica comum entre essa população, corroborando com Amaral *et al.* (2017) e Krüger *et al.* (2019). Esses estudos apontam que entre as travestis e mulheres transexuais, a tomada de decisão para o uso de hormônios ocorre ainda na adolescência,

ou seja, antes mesmo da idade mínima para um possível ingresso no Processo Transexualizador. Entende-se, portanto, que o uso cada vez mais cedo de hormônio, sugere o seu uso imprudente e contínuo, o que inviabiliza e desvia dos passos para um processo de transformação corporal, seguro e essencial para necessidade de cada indivíduo, assim como preconizado pela Portaria GM/MS nº 2.803/2013 (BRASIL, 2013; AMARAL *et al.*, 2017).

A Relação Estadual de Medicamentos do Estado de Pernambuco (REESME-PE), oferta por meio da rede de atenção à saúde, a dispensação de estrogênios conjugados (PERNAMBUCO, 2020). O que sugere o uso contínuo e associado de estrógeno e progesterona pelas travestis e mulheres transexuais da cidade do Recife, é a própria composição das pílulas e injeções de anticoncepcionais mais utilizados pelas brasileiras em geral (ANDRADE, 2017; BRASIL, 2020), ofertada pela rede municipal e estadual de saúde (PERNAMBUCO, 2020), além de serem hormônios de fácil acesso para compra sem prescrição médica (ANDRADE, 2017).

Embora a maioria das participantes tenha relatado estarem satisfeitas com o resultado do uso do hormônio, mais da metade (52,1%) também referiu já ter sofrido algum efeito indesejado. Esses achados corroboram com estudos de Socías *et al.* (2014) e McPhail *et al.* (2016) e reforçam que o uso contínuo do hormônio feminino, a partir da orientação de profissionais de saúde especializado, com uma atenção multiprofissional, é essencial para prevenção dos possíveis efeitos indesejados (GELATTI *et al.*, 2015).

Considerando que entre as participantes que usaram continuamente hormônios, todas (100%) referiram adquirir os hormônios sem receita médica e que quase a totalidade (91%) já se sentiu discriminada alguma vez na vida. Tais achados levam a reflexão sobre duas vertentes, a primeira sobre como a automedicação pode estar relacionada à vivência de discriminação e estigmatização sofrida pelas travestis e mulheres transexuais (ROCON *et al.*, 2018) que, por sua vez, influenciam na criação de barreiras para busca dos serviços de saúde e profissionais (MAGNO *et al.*, 2019). A segunda, sobre como o controle na dispensação desses hormônios sem receituário médico ainda representa um desafio enfrentado pelos órgãos de fiscalização nacional (PINTO *et al.*, 2017).

Ter tido pensamentos suicidas durante a vida esteve associado ao não uso contínuo do hormônio. Esses achados reforçam as discussões abordadas por Silva *et al.*

(2020), que discorrem sobre a relação da saúde dessa população frente ao suicídio e as mudanças corporais. Nesse sentido, assim como referido por Krüger *et al.* (2019), a autossatisfação com a imagem, configura um dispositivo de autoproteção social.

O apoio e a compreensão familiar, referido por cerca da metade das participantes é fundamental para combater o estigma sofrido constantemente por esta população, considerando que possuem taxas de mortalidade mais altas, mais tentativas de suicídio e maiores incidências de psicopatologia, além de abuso de substâncias psicoativas (SILVA *et al.*, 2020). Entre a população LGBT, as travestis e mulheres transexuais são as que mais sofrem com o preconceito e a discriminação (SILVA *et al.*, 2014). A violência a qual estão sujeitas, seja psicológica, física ou sexual, é tida como naturalizada no imaginário social, formulada por significações do que é ser uma travesti ou mulher transexual, determinadas e generalizadas sobre o preconceito e discriminação no universo desta população, enraizado na cultura da sociedade (SILVA *et al.*, 2016).

Sobre esta vivência, chama atenção que a maior parte das entrevistadas revelou já ter sido vítima de algum tipo de violência física ou sexual. Esses dados têm sido maiores aos encontrados em outras populações em situação de vulnerabilidade ao HIV, por exemplo, como homens que fazem sexo com homens (HSH) (23,5%) (MAGNO *et al.*, 2019), usuárias de crack (55,1%) (SANTOS *et al.*, 2018) e trabalhadoras do sexo (37,8%) (LIMA *et al.*, 2017). Esses resultados caracterizam ainda mais a proporção de ato de violência cometidos contra esta população, reafirmam a forte intolerância contra as pessoas transgêneros e os inúmeros casos de violência transfóbica registrados no Brasil e no mundo (SILVA *et al.*, 2016; LIMA, *et al.*, 2017; RIBEIRO; SILVEIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alta prevalência do uso contínuo de hormônios entre as travestis e mulheres transexuais investigadas e os fatores associados revelam a complexidade e a interseção de desafios enfrentados por mulheres travestis e mulheres transexuais, bem como a importância de intervenções específicas em aspectos individuais e sociais. Dessa forma, faz-se urgente e necessários estratégias de educação, conscientização, apoio social e psicológico nessa população para melhorar o gerenciamento do uso de hormônios. Além da ampliação do acesso a serviços de saúde com a garantia de

atendimento multiprofissional e dos serviços do Processo Transexualizador no SUS para garantir que as intervenções sejam adequadas e atendam às necessidades específicas dessa população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde**. Salvador, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.

AMARAL, A. F. R. *et al.* Efeitos colaterais decorrentes da terapia hormonal em transexuais femininos. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR**. Paraná, v.20, n.3, p. 103-110, 2017.

ANDRADE, S. M. O. *et al.* Vulnerabilidade de homens que fazem sexo com homens no contexto da AIDS. **Caderno de Saúde Pública**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 479-482, fev. 2007.

ANDRADE, C. A. A. **Autocuidado de mulheres transexuais em uso de hormônios à luz da Teoria de OREM**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.19, n. 1, p. 15-41, 2009.

ARRAIS, P. S. D. *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, n. 13, p.1-11, 2016.

AYRES, J. R. C. M. *et al.* O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. **Fiocruz**. Rio de Janeiro, p.116-139, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013**. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União [Internet]. Brasília, DF; 2013. Acesso em: 03 set. 2019. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. **Brasília: Ministério da Saúde, 2015**. Acesso em: 09 set. 2019. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: Rename 2020** [recurso eletrônico]. Brasília, 2020. Acesso em: 15 maio 2020. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relacao_medicamentos_rename_2020.pdf

CARRARA, S. *et al.* Body construction and health itineraries: a survey among travestis and trans people in Rio de Janeiro, Brazil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, 2019.

GELATTI, G. T. *et al.* Via de administração da reposição hormonal utilizada por mulheres pós menopausa e a sua relação com os fatores de risco cardiovasculares apresentados. **BIOMOTRIZ**. Rio Grande do Sul, v. 9, n. 01, p. 138-149, 2015.

KRÜGERI, A. *et al.* Características do uso de hormônios por travestis e mulheres transexuais do Distrito Federal brasileiro. **Rev Bras Epidemiol**, São Paulo, p. 1-13, 2019.

LIMA, F. S. S. *et al.* Violência contra mulheres profissionais do sexo. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, 2017.

MAGNO, L. *et al.* Estigma e discriminação relacionados à identidade de gênero e à vulnerabilidade ao HIV/aids entre mulheres transgênero: revisão sistemática. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, 2019.

MASCHIÃO, L. F. *et al.* Uso de hormônios sem prescrição e idade de início entre mulheres transexuais e travestis. In: Anais do 10. **Congresso Brasileiro de Epidemiologia**; 2017 out 10- 14; Florianópolis, Brasil. Florianópolis: Abrasco/UFSC, 2017.

McPHAIL, D. *et al.* Addressing gaps in physician knowledge regarding transgender health and healthcare through medical education. **Can Med Educ J**, v.7, 2016.

PERNANBUCO. Governo do Estado de Pernambuco. Diretoria Geral de Assistência Farmacêutica. Secretaria Executiva de Atenção a Saúde. **Relação Estadual de Medicamentos do Estado de Pernambuco (REESME-PE)**. Acesso em: 10 jun. 2020. Disponível em: <http://www.farmacia.pe.gov.br/>

PETRY, R. A. Mulheres transexuais e o Processo Transsexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. **Rev Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 20, p 70-5, 2015.

PINTO, T. P. *et al.* Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 7, p.1-13, 2017.

RIBEIRO, A. K. O.; SILVEIRA, L. C. Transfobia e abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a Teoria QUEER. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. XXIII, n.1, P. 66-74, 2020.

ROCON, P. C. *et al.* Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2517-2525, 2016.

ROCON, P. C. *et al.* O que esperam pessoas trans do Sistema Único de Saúde? **Interface**, Botucatu, v.22, n. 64, p. 43-53, 2018.

SALGANIK, M. J.; HECKATHORN, D. D. Sampling and Estimation in Hidden Populations Using. **Sociological Methodology**, v. 34, p. 193-239, 2004.

SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Rev Ter Ocup Univ. São Paulo**, v. 26, n. 3, p.364-372, 2014.

SILVA, G. W. S. *et al.* Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Rev Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 37, n. 2, 2016.

SILVA, G.W.S. *et al.* Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais. **Cien Saude Colet** [periódico na internet] (2020/Jan). Acesso em: 28 abr. 2020. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-a-ideacao-suicida-entre-travestis-e-transexuais-assistidas-por-organizacoes-nao-governamentais/17489?id=17489>

SOCÍAS M. E. *et al.* Factors Associated with healthcare avoidance among transgender women in Argentina. **Int J Equity Health**, p. 13-81, 2014.